

LETRAMENTO LITERÁRIO NA PRÁTICA/COTIDIANO DA SALA DE AULA

Autor: Miriam Raquel Piazzi Machado
Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF

Orientador: Pedro Benjamim Garcia
Universidade Católica de Petrópolis

Resumo:

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa desenvolvida no doutoramento na Universidade Católica de Petrópolis e pretende compreender os significados que os alunos apresentam em relação à literatura infantil trabalhada na escola. O letramento literário é entendido como um processo, uma construção que se dá durante toda a existência do indivíduo, em que há a apropriação da literatura enquanto uma construção cultural. (PAULINO e COSSON, 2009). A tarefa da escola seria possibilitar a apropriação da leitura literária. O estudo apresentou uma opção teórico-metodológica pela pesquisa qualitativa de caráter etnográfico. A pesquisa parte da observação dos alunos e de entrevistas semiestruturadas para construir uma descrição densa da realidade pesquisada. Os sujeitos são trinta e um alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino, escolhida pelo investimento que faz na leitura literária. Em relação aos resultados alcançados, destaco que muitas crianças têm na família o incentivo à leitura, mas o trabalho que a escola pesquisada faz enriquece essa motivação inicial a professora investe em leituras mais expressivas, buscando aperfeiçoar o gosto. Os alunos percebem o investimento feito pela escola em relação à leitura literária e fazem apontamentos em que constroem novos sentidos e a própria identidade.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Letramento Literário, Ensino Fundamental.

Introdução

O letramento literário é importantíssimo para a formação do indivíduo e, consequentemente, para a sociedade letrada. Rildo Cosson (2007) destaca a importância da linguagem na formação social e realça o lugar que tem a escrita e a leitura de literatura nessa sociedade e para a constituição do indivíduo.

Escrita e leitura são aspectos centrais da prática pedagógica. A alfabetização de nossas crianças é, antes de tudo, uma responsabilidade a que a escola não pode se furtar, visto ser agência de letramento por excelência. Mas aqui quero dar um destaque especial à leitura de literatura.

Dessa forma, aponto que ler literatura é uma tarefa que precisa ser aprendida e, em muitos casos, a escola é o único espaço em que a criança vai ter acesso à leitura literária. Como destaca Walty (2003), o trabalho com a literatura na escola pode contribuir para a

formação de um leitor sensível e crítico que se sinta parte do processo de ler e atribuir sentidos ao que lê.

Considerando que a escolarização da literatura é de suma relevância, é preciso ter cuidado, como destaca Magda Soares (2003), para que não seja deturpada pois, muitas vezes, o trabalho que é feito no interior das escolas mais afasta do que aproxima o leitor da literatura.

Em outras palavras, os estudos sobre o letramento literário apontam que, mesmo os professores com “boa intenção”, apresentam propostas equivocadas. Como afirma Soares:

Os exercícios que, em geral, são propostos aos alunos sobre textos da literatura infantil não conduzem à análise do que é essencial neles, isto é, à percepção de sua literariedade, dos recursos de expressão, do uso estético da linguagem; centram-se nos conteúdos, e não na recriação que deles faz a literatura; voltam-se para as informações que os textos veiculam, não para o modo literário como as veiculam (SOARES, 2003, p. 43).

Petit expõe a importância da mediação do professor para aproximar as crianças dos livros. Perceber como as crianças pensam essa mediação pode contribuir para a escolarização adequada da literatura. “O que atrai a atenção das crianças é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real” (PETIT, 2008, p. 141).

Assim, o objetivo dessa pesquisa é interpretar os significados atribuídos pelos alunos de uma escola pública da cidade de Juiz de Fora, em relação às práticas pedagógicas realizadas com a literatura infantil.

Ouvir o que as crianças dizem sobre o trabalho feito na escola com os livros literários pode contribuir para novas possibilidades de articulação do trabalho pedagógico, podendo auxiliar na compreensão do por que alguns alunos apreciam a literatura e outros não gostam de ler livros literários.

Por conseguinte, essa pesquisa pretende compreender, a partir do ponto de vista das crianças, como a literatura infantil é trabalhada nessa escola, nesse contexto específico observado, ou seja, como isso efetivamente se dá na prática pedagógica na percepção dos alunos. Como as crianças percebem o tratamento que é dado pelos professores ao trabalho com os livros de literatura em sala de aula? As crianças se percebem leitoras, ou seja, gostam de ler e procuram a literatura ou leem por obrigação, como mais uma tarefa proposta pela escola?

Metodologia

Nesse trabalho pretendo uma interpretação do cotidiano dos estudantes e dos significados por eles atribuídos ao trabalho pedagógico realizado com a literatura infantil e, para isso, é necessária uma imersão no contexto escolar. Para tanto, será preciso um “estranhamento do familiar”, como apontado por Velho (2004), visto que sou professora dos anos iniciais do ensino fundamental e a realidade me é familiar.

Através da observação participante e de entrevistas semiestruturadas, busquei fazer uma descrição densa da realidade pesquisada. Os sujeitos são trinta e um alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino. Esses alunos foram escolhidos por estarem no final do ciclo de alfabetização, que é composto de três anos. Estando nessa etapa da escolarização, já possuem certa autonomia em relação à leitura e escrita, mas ainda estão no processo de alfabetização e letramento.

Segundo Sarmiento (2003, p. 163), “entrevistas com crianças levanta particulares cuidados”. O autor explica que nos contatos cotidianos podemos surpreender “gestos e palavras” que significam o mundo de vida das crianças. A recolha de documentos “reais” também pode contribuir para captar o que a entrevista formal não contempla.

As observações de aulas permitem chegar o mais próximo possível da realidade pesquisada, captando as motivações tanto dos alunos, quanto da professora de Língua Portuguesa e das bolsistas que, por vezes, a substituem na tarefa de desenvolver as atividades. O objetivo não foi o de analisar a professora e sua prática, mas tentar colher informações de como o trabalho era desenvolvido em sala de aula e as ressonâncias no aluno, ou seja, como tarefas escolares interferiram ou interferem no gosto de ler das crianças.

Ao observar as aulas e recolher as produções feitas pelos alunos, pretendi documentar as práticas e ter elementos para uma compreensão densa da realidade pesquisada, os interesses, as respostas dos alunos ao que era proposto pela professora que ofereceriam subsídios para uma análise profunda do cotidiano escolar e de sua interferência nas práticas leitoras dos estudantes.

Resultados

Neste recorte, selecionei um dos trabalhos coletados na pesquisa de campo, que representa um pouco o que a escola faz para que o gosto pela leitura literária seja estimulado nos estudantes.

A professora programou uma excursão ao teatro para assistirem a apresentação de Dom Quixote, em marionetes. Antes de irem, após a leitura de texto de jornal que apresentava o espetáculo, a professora pediu aos alunos que fizessem uma produção sobre o que previam encontrar no teatro. Interessante perceber que onze alunos escolheram o livro Dom Quixote¹ na biblioteca nesse dia. Importante a curiosidade despertada para a leitura, a partir da motivação da professora para a ida ao teatro.

Foi apresentada uma reportagem de jornal onde havia a foto do espetáculo, assim como dados da apresentação. A partir da leitura desse recorte de jornal é que os alunos fizeram suas produções, contendo suas expectativas a respeito da apresentação.

Nesse momento não foi trabalhado nem o livro, nem algum texto relacionado com o livro Dom Quixote. O trabalho com esse clássico da literatura foi proporcionado por uma situação cultural que aconteceu na cidade e a professora aproveitou o momento para a exposição dos alunos a esse cânone.

A literatura infantil e juvenil que cumpra ambos os objetivos, o educativo e o literário, pode ser sancionada pelos adultos como literatura infantil e juvenil de qualidade. Trata-se das obras que Shavit (1986) qualifica de “literatura canônica”, ao ressaltar que qualquer sistema literário, tanto o de adultos como o infantil, diversifica-se em formas literárias canônicas e não-canônicas. A definição de “literatura infantil e juvenil canônica” implica, pois, que este corpus deve ajustar-se aos critérios que os adultos têm sobre o destinatário infantil. Ou seja, deve basear-se em sua opinião, como responsáveis sociais da etapa educativa, do que lhes parece educativo e compreensível para crianças (COLOMER, 2003, p. 164).

A docente combinou com os alunos que a produção deles ficaria exposta no local onde o teatro funciona. Essa produção dos alunos tinha um objetivo claramente definido e os alunos empenharam-se bastante na tarefa.

¹ Reconto do livro de Miguel de Cervantes.

Ao proporcionar esse tipo de literatura para os seus alunos, a professora permitiu a descoberta de um tipo de literatura que perpassou o tempo e nele se estabilizou. Calvino (2007, p. 16) realça o valor dessa literatura e conclui que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos”.

De fato, os alunos, após assistirem à peça, ficaram motivados por sua leitura, pois sua curiosidade foi despertada. “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 2007, p. 11).

Figura 1 Expectativas sobre a peça Dom Quixote



Fonte: Registro fotográfico feito na pesquisa de campo pela pesquisadora.

Transcrição:

“Sinto que deve ser legal

Espero que Dom Quixote me leve para o mundo da imaginação e da leitura”

A partir do que o aluno expõe, fica clara a compreensão da literatura como aquela que leva a imaginar. De fato, Dom Quixote propicia um mundo diferente para as crianças. O cavaleiro, amante dos livros, enlouquecido por essa paixão e pela donzela que não a tem, percorre várias aventuras e transforma coisas simples ao seu redor em meios que transportam para outros lugares. “Assim, é possível compreender como o último depositário das virtudes cavalleirescas, Dom Quixote, será alguém que construiu a si mesmo e a seu próprio mundo exclusivamente por meio dos livros” (CALVINO, 2007, p. 62).

Figura 2: Expectativas sobre a peça Dom Quixote



Fonte: Registro fotográfico feito na pesquisa de campo pela pesquisadora.

Transcrição

“Espero que Dom Quixote consiga me levar para outros mundos que tudo é possível quando se tem um sonho”

Após assistirem à peça Dom Quixote, a professora propôs o registro dos alunos sobre o que acharam da apresentação. Os alunos disseram-me que gostaram muito da história e muitos destacaram a parte em que a personagem resolveu ser cavaleiro e vestiu a armadura.

Perguntei sobre a loucura da personagem, o que eles acharam sobre a personagem ter ficado louca após ler tantas histórias. Manoel disse que isso aconteceu *porque ele não conseguiu distinguir a realidade da fantasia*. Cauã completou dizendo que *nem tudo que está escrito nos livros é real e o personagem assim acreditou, por isso enlouqueceu*.

Percebi que eles realmente entenderam e gostaram da peça. Abaixo, quatro registros selecionados.

Figura 3: Impressões sobre a peça Dom Quixote



Fonte: Registro fotográfico feito na pesquisa de campo pela pesquisadora.

Transcrição:

“O Dom Quixote me levou para o mundo da mente dele. Ele me mostrou que tudo é possível mesmo.”

Na entrevista, a professora fala sobre o trabalho com a peça Dom Quixote como um presente que recebeu dos alunos.

Nessas últimas semanas eles deram um presente enorme pra gente com o Dom Quixote, não é? Onze alunos em uma semana, não é?! Acho que deve

ter esgotado os livros da biblioteca. Acho que se tiver como fazer um registro, se tiver como fazer esse levantamento, eu acho que não houve nunca uma semana que houve tanto empréstimo de um livro só. E pra essa faixa etária.

De fato, o que foi um presente foi a possibilidade de os alunos terem acesso a um clássico tão cedo e sentirem que a leitura da literatura é algo envolvente que permite a fruição, tornando-se uma base para a constituição de um leitor que verdadeiramente aprecie a literatura.

Discussão

As crianças dessa turma se percebem leitoras, demonstram gostar de ler. Leem tanto gibis, como livros de literatura que pegam emprestado na biblioteca. Algumas gostam de ganhar de presente livros para lerem. Trocam informações sobre os livros espontaneamente, dentro do transporte escolar, na sala de aula, sem e com a mediação da professora, através dos inúmeros artifícios que usa para que isso aconteça: o diário de leitura, propagandas de livros, montagem de murais, dentre outros.

As experiências tidas pelos alunos dentro da escola são um fator de motivação para a leitura. As crianças, por diversas vezes, tanto em aula, quanto nas entrevistas, lembram-se de livros lidos pelas professoras de anos anteriores, como de livros lidos por elas próprias. Dessa forma, a leitura não é uma obrigação a mais, mas tem um papel de formação do gosto do leitor que se arrisca nas aventuras propostas.

A sala de aula de Língua Portuguesa é uma grande oficina de arte. Os alunos são convidados a exporem seus trabalhos, fazem capas com colagens diversas, confeccionam um tapete literário, preparam material para exposição fora do ambiente escolar. Eles apreciam, dedicam-se cuidadosamente às atividades propostas e ficam satisfeitos com suas produções. Sempre que concluem suas obras, fazem questão de mostrá-las à professora ou às bolsistas, bem como à pesquisadora que fica observando na parte de trás da sala de aula.

A aula de Língua Portuguesa não é monótona para os alunos que têm a liberdade de circularem na sala de aula, trocam materiais e experiências, assim como podem levantar-se para escolher gibis, quando terminam alguma produção. Alguns alunos leem livros que trazem de casa quando terminam alguma atividade, e isso é algo que a professora sempre aproveita. Pergunta o que o aluno está lendo, do que se trata e, a partir dessas preferências,

monta as aulas. E nesse movimento a literatura se faz presente, se faz um presente, o qual pode ser desembalado a qualquer momento.

Assim como a apropriação da literatura. Ela lhes parece desejável por vários motivos, como veremos: porque quando aí se penetra, torna-se mais hábil no uso da língua; conquista-se uma inteligência mais sutil, mais crítica; e também torna-se mais capaz de explorar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poéticos (PETIT, 2009, p. 28-29).

Conclusões

Muitas leituras podem ser feitas a partir do recorte aqui proposto. E, nesse recorte, não foi fácil rejeitar esse ou aquele trabalho, destacar essa ou aquela fala, as entrevistas, o diário de campo. E se tivesse que recomençar, com certeza, outra e outra leitura seria possível, porque o material é denso e plural, singular e múltiplo, heterogêneo como as crianças da turma pesquisada.

Nesse sentido, o papel que a professora desempenha com sua prática pedagógica fica evidenciado. Petit destaca a importância desse trabalho a longo prazo, desenvolvido pelos profissionais determinados a levar aos estudantes a cultura sócio-historicamente acumulada.

Para democratizar a leitura, não existem receitas mágicas. Apenas uma atenção especial às crianças, aos adolescentes, às mulheres e aos homens. Um questionamento diário sobre o exercício de sua profissão. Uma determinação. Uma exigência. Um pouco de imaginação. É um trabalho a longo prazo, paciente, muitas vezes ingrato, na medida em que é pouco mensurável, pouco “visível” na mídia, e do qual os profissionais quase nunca têm um retorno, a menos que algum pesquisador passe por ali e estude precisamente esse impacto (Petit, 2008, p. 183).

Através dos trabalhos propostos, alguns deles apresentados nesse artigo, percebe-se que as crianças são respeitadas enquanto sujeito, produtores de texto que são. Kramer chamava a atenção para o fato de que faltavam na escola condições para que a criança produza, e não apenas reproduza a escrita, sendo autora.

Esse é um aprendizado necessário: possibilitar que as crianças sejam autoras, ouvir o que elas têm a produzir, garantir espaços de leitura e de escrita em que se relacionem efetivamente com o texto, com a literatura. Isso é uma aposta para que a linguagem seja realmente um fator de mobilização, de forma a garantir a expressão e a efetiva participação no

meio social em que vive. Sua relação com a linguagem pode ser uma arma: “Pode-se dizer, pois, que é a história do sujeito que determina o seu lugar na sociedade e a sua relação com a linguagem” (Kramer, 1995, p. 289).

O fato de propiciar ao estudante as ferramentas para agir na e sobre a linguagem é tarefa da escola. E, nesse sentido, há infinitas possibilidades, pois

Nada mais urgente que a escola se abrir para a expressão poética, a literatura, a música, a expressão plástica, para os jornais e as revistas, as cartas, para os relatos de experiência, despertando a afeição adormecida das crianças *e dos professores*, encantando-os e atraindo-os com a criação de linguagem e com as infinitas possibilidades que esta lhes fornece de formular e transmitir pensamentos, sentimentos, projetos, ações (Kramer, 2002, p. 96).

Nessa pesquisa, os alunos revelaram que o trabalho que a escola faz contribuiu para sua formação leitora. Mesmo para aqueles que já tinham um ambiente propício, eles acreditam que o investimento escolar, através dos diários, das leituras que as professoras propõem, motivam e despertam o querer ler aquele livro.

O que se pretendeu nesse artigo foi trazer a voz dos estudantes, para que prestássemos atenção ao que eles têm a nos dizer, a fim de ressignificar a prática pedagógica. A grande descoberta que eles nos apresentam é que nosso exemplo de leitores, a forma como nos comportamos diante dos livros, são espelhos para eles.

Outro fator de grande importância é o despertar da curiosidade. Sem ela, a imaginação não se desenvolve, não é possível embarcar nas leituras e percorrer novas “Viagens literárias”.

Através do que as crianças trazem para a sala de aula, nesse caso, a leitura dos diários, a professora foi desenvolvendo seu trabalho e culminou com a apresentação de um clássico, Dom Quixote, que levou os alunos a experimentarem um sentimento de desejo por ler.

Ouvindo-os, ouvindo aqueles que trabalham junto deles, compreendemos que a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências (PETIT, 2009, p. 289).

Que consigamos contribuir para que o livro seja redescoberto por cada criança e que eles possam se despedir de cada livro como fizeram no final do registro inicial de seu diário de leitura, com o gosto despertado e aumentado, construindo novos sentidos, construindo a própria identidade, estabelecendo vínculos e produzindo cultura: “*Tchau, tchau, até a próxima viagem literária!*”.

Referências

- ANGELI, José. *Dom Quixote*. São Paulo: Scipione, 1999. 47p.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COLOMER, T. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.
- COSSON, R. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- KRAMER, S. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.
- PETIT, M. *A arte de ler (ou como resistir à adversidade)*, SP: Editora 34, 2009.
- _____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. IN ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. IN: EVANGELISTA, A. A. M. ; BRANDÃO, H, M. B. ; MACHADO, M. Z. V. (orgs) *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 17-48.
- VELHO, G. “Observando o familiar”. In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2004.
- WALTY, I. L. C. *Literatura e escola: anti-lições*. In EVANGELISTA, A. .A. M.; BRANDÃO, H, M. B.; MACHADO, M. Z. V. (orgs.) *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.